

1290

1907

JOAQUIM M. SANTOS JUNIOR

---

# HYGIENE COLONIAL

Ilhas de S. Thomé e Príncipe

---

**Dissertação inaugural**

APRESENTADA À

*Escola Medico-Cirurgica do Porto*



PORTO

---

Typ. a vapor da «Encyclopedia Portugueza Illustrada»

47, Rua da Rainha D. Amelia, 49

---

1907

131/10 EMC

# ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

DIRECTOR

ANTONIO JOAQUIM DE MORAES CALDAS

SECRETARIO INTERINO

THIAGO AUGUSTO D'ALMEIDA

## CORPO DOCENTE

### Lentes cathedaticos

- 1.<sup>a</sup> Cadeira — Anatomia descriptiva geral. Luiz de Freitas Viegas.
- 2.<sup>a</sup> Cadeira — Physiologia. . . . . Antonio Placido da Costa.
- 3.<sup>a</sup> Cadeira — Historia natural dos medicamentos e materia medica . . . . . Illidio Ayres Pereira do Valle.
- 4.<sup>a</sup> Cadeira — Pathologia externa e therapeutica externa . . . . . Carlos Alberto de Lima.
- 5.<sup>a</sup> Cadeira — Medicina operatoria. . . . . Antonio Joaquim de Souza Junior.
- 6.<sup>a</sup> Cadeira — Partos, doencas das mulheres de parto e dos recém-nascidos. Candido Augusto Corrêa de Pinho.
- 7.<sup>a</sup> Cadeira — Pathologia interna e therapeutica interna. . . . . José Dias d'Almeida Junior.
- 8.<sup>a</sup> Cadeira — Clinica medica . . . . . Antonio d'Azevedo Maia.
- 9.<sup>a</sup> Cadeira — Clinica cirurgica . . . . . Roberto Bellarmino do Rosario Frias.
- 10.<sup>a</sup> Cadeira — Anatomia pathologica . . . . . Augusto Henrique d'Almeida Brandão.
- 11.<sup>a</sup> Cadeira — Medicina legal . . . . . Maximiano Augusto d'Oliveira Lemos.
- 12.<sup>a</sup> Cadeira — Pathologia geral, semeiologia e historia medica . . . . . Alberto Pereira Pinto d'Aguiar.
- 13.<sup>a</sup> Cadeira — Hygiene. . . . . João Lepes da Silva Martins Junior.
- 14.<sup>a</sup> Cadeira — Histologia e physiologia geral . . . . . José Alfredo Mendes de Magalhães.
- 15.<sup>a</sup> Cadeira — Anatomia topographica . . . . . Joaquim Alberto Pires de Lima.

### Lentes jubilados

- Secção medica . . . . . José d'Andrade Gramaxo.
- Secção cirurgica . . . . . {  
Pedro Augusto Dias.  
Dr. Agostinho Antonio do Souto.  
Antonio Joaquim de Moraes Caldas.

### Lentes substitutos

- Secção medica . . . . . {  
Thiago Augusto d'Almeida.  
Vaga.
- Secção cirurgica . . . . . {  
Vaga.  
Vaga.

### Lente demonstrador

- Secção cirurgica . . . . . Vaga.

A Escola não responde pelas doutrinas expendidas na dissertação  
e enunciadas nas proposições.

*(Regulamento da Escola, de 23 d'abril de 1840, art. 155.º)*



A'

SAUDOSA MEMORIA

DE

**Minha Mãe**



A MEU PAE

A meus Tios

*Conselheiro Manoel Ferreira da Silva Couto*

*D. Maria Antonia Pereira Couto*

*A' minha Noiva*

D. Adelina Coelho de Vascencelles Sanches de Castro

## A minhas Irmãs

*Maria Adelaide*

*Beatriz*

*Emilia.*

---

## A meus Irmãos

*Tito*

*Manoel Pedro*

*Alberto.*



A meus Primos

*Emilio*

*Manoel*

*Maria Helena.*

Aos meus parentes



Aos meus amigos



Aos meus condiscipulos

e

em especial

Aos camaradas do Ultramar

Ao meu dignissimo presidente

o Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Snr.

Prof. Candido Augusto Corrêa de Pinho

## PROLOGO

Na minha qualidade de aspirante a facultativo do Ultramar, foi muito naturalmente que pensei em escolher, para thema da minha these, um assumpto colonial.

D'entre os variados assumptos que se me offereciam escolhi o da HYGIENE COLONIAL, que se me affigura ser um dos mais importantes e que, infelizmente, nas nossas colonias, ainda não tem merecido a attenção devida.

Estando as nossas colonias situadas em regiões diferentes, divergem muito umas das outras, não só em relação ao clima, como ao *regimen pathologico*.

Seria, portanto, completamente impossivel occupar-me da *hygiene*, que mais convém applicar em todas estas regiões e da *prophylaxia* das *doenças*, que, em cada uma d'ellas, se deve observar.

Julguei então conveniente escolher algumas d'estas colo-

nias e assim, para pôr em relevo alguns principios de *Hygiene Colonial*, dei a preferencia ás *ilhas de S. Thomé e Principe*, que fazem parte do quadro a que sou destinado.

Sendo o *paludismo* a doença mais grave, que grassa especialmente em todo o littoral e nas regiões baixas das duas ilhas, occupar-me-hei, por este motivo, das condições, em que esta *endemia* ahi se manifesta e da lucta que contra ella se deve abrir.

Não conhecendo de perto estas ilhas, servi-me para a confecção d'este trabalho, dos esclarecimentos que me forneceu o meu amigo Manoel de Montalvão, que alli residiu durante longo tempo, e da leitura que fiz de varios estudos, tanto nacionaes como estrangeiros, folgando em vêr que os medicos portuguezes procuram acompanhar o movimento *medico colonial* estrangeiro, que se torna verdadeiramente notavel.

O assumpto que escolhi é dos mais complexos, e confiado na benevolencia do jury que me deve julgar, eu envidei esforços para cumprir o melhor possivel o meu dever, embora me faltassem os recursos, que dão brilho a todos os trabalhos d'esta natureza.

Tem muitas lacunas o meu trabalho, o que não é para admirar dada a grande latitude a que o assumpto se presta e a pequena bagagem de informações de que eu dispunha para o versar; foi apenas uma disposição da lei que me forçou a pegar na penna e escrever; espero pois que, attendendo a esta circumstancia, sobre este modesto trabalho recáia uma indulgente benevolencia de preferencia a uma acerada critica.

---

# Hygiene Colonial

## ILHAS DE S. THOMÉ E PRINCIPE

---

### CAPITULO I

---

#### Geographia e demographia de S. Thomé e Principe

As ilhas de S. Thomé e Principe ficam situadas no Golfo dos Mafras, no Mar da Guiné, a que em geral, se dá a denominação de Golfo de Guiné. Perto d'estas existem as ilhas de Fernando Pó e Anno Bom, que fazem parte do mesmo grupo insular e que actualmente são colonias hespanholas.

De todas estas ilhas a maior é a de Fernando Pó, mas a mais prospera é, sem duvida, a ilha de S. Thomé. Esta ilha, que tem cêrca de 825 kilometros quadrados de superficie, fica alguns minutos ao norte do Equador e pôde dizer-se que é um territorio inteiramente equatorial, d'uma extrema fertilidade, apresentando uma vegetação luxuriante, que lhe dá um regimen thermico variado e imprime ás estações um character metereologico agradável.

O panorama da ilha de S. Thomé, observado do mar a poucos kilometros, quer se esteja ao norte, quer ao sul, da parte de leste ou de oeste, é surpreendente, descobrindo-se sempre altas montanhas, agudos picos e notaveis alto-planos.

Os montes elevam-se a muitos centos de metros, e occupam por assim dizer o centro da superficie da ilha. O espectador não vê senão uma das suas faces, segundo a costa onde fôr a bahia em que estiver fundeada a embarcação.

A cidade de S. Thomé fica no extremo das planicies que se estendem desde os alto-planos adjacentes á cordilheira da ilha, na face oriental. A sua ampla bahia está mais inclinada ao norte e pouco fundo tem. E' officialmente conhecida por bahia de Anna Chaves, quando deveria ser de Alvaro Caminha.

Os vapores fundeiam muito ao largo, e é d'alli que os viajantes que, pela primeira vez, se approximam da ilha, téem occasião de attentar na massa informe de verdura que se lhes apresenta á vista.

Olhando para a praia banhada pelas aguas da bahia de Anna Chaves ou de Alvaro Caminha, destacam-se algumas casas brancas dispostas em semi-circulo, voltado para o norte. E' desagradavel a impressão que causa o panorama da cidade, collocada n'uma baixa, parecendo querer fugir do amplexo do immenso arvoredado que a cerca por todos os lados.

As pontas da bahia correm muito fóra, ficando n'uma a fortaleza de S. Sebastião e n'outra o reducto de S. José. Quem olha do fundeadouro da bahia de Anna Chaves ou de Alvaro Caminha para esta face da ilha, descobre uma immensa bacia, inclinada e mettendo o seu bordo inferior

nas aguas do mar; o fundo assenta no lugar denominado Santa Luzia, ao pé do qual estão tres notaveis montes com disposição característica.

O horisonte do observador, á direita, é limitado por uma corda de morros distinctos collocados quasi em linha. Mais adeante apparece o principio da serra, por detraz da qual fica o celebre pico de S. Thomé, que se eleva a mais de 2:000 metros de altitude, mostrando apenas o cume, que nem sempre se avista por estar coberto de nuvens. A mais de 600 metros de altitude, na face da serra que se tem em frente, levantam-se algumas habitações e descobre-se a casa da conhecida roça do Monte Café, a 800 metros acima do plano do observador. Correndo com a vista mais para a esquerda, em relação sempre ao horisonte physico, nota-se que a serra acaba, havendo alli um morro revestido de poucas arvores e muita verdura.

Ao centro da enorme bacia eleva-se o monte Formoso, atraz e aos lados do qual se divisam dois outros montes de cumes agudos, sendo o da esquerda mais alto que o da direita. O primeiro chama-se de Maria Fernandes e o segundo de Maria Carlota.

Continuando a olhar para o lado esquerdo, reconhece-se que os montes referidos vão desapparecendo, mas notam-se quatro mais pequenos em relação aos primeiros, a pouca distancia uns dos outros, e um d'elles mais proximo do Monte Formoso, ao qual parece seguir-se. Mais ao largo descobre-se a ponta denominada Praião.

No extremo da ponta de S. Sebastião começam os edificios da cidade. Por toda a parte o terreno é baixo e raso até á igreja de S. João, perto da qual se construiu o cemiterio publico, no lugar denominado da Boa-Vista.

A' ponta de S. Sebastião segue-se um terreno baixo,

cheio de pedras ennegrecidas e de aspecto repugnante; o mar, que se estende a grande distancia, começa n'esta facha de terreno infecto, á qual se póde chamar um extenso paúl, que se prolonga até á igreja de Santo Antonio, e que muitas vezes se cobre d'agua.

O observador, do lado oriental da ilha, descobre as villas de Guadalupe, de Santo Amaro e da Trindade abafadas pelas florestas que as envolvem.

Differentes estradas partem da cidade para o interior da ilha, cujo aspecto é sempre o mesmo, quer se olhe para ella de cima da ponta de S. José ou da ponta de S. Sebastião.

A ilha de S. Thomé é sulcada por numerosas correntes de agua, as quaes descendo das montanhas, formam lindissimas quedas, tornando-se notavel a do rio Agua Grande, a que o povo dá o nome de Blu-blu, ficando situada a pouca distancia da cidade de S. Thomé, e de que se teem publicado bellas descripções e esplendidas gravuras.

No solo d'esta ilha predomina a argilla, em parte combinada com silica, areia ou cal. A ossada dos montes é de rochas, granito, quartzo e silex; não havendo n'elles vestigios vulcanicos.

A flora está subordinada ás respectivas regiões ou zonas, a saber: zona do *littoral* ou *inferior*, zona *central* ou *média* e zona *alpina* ou *superior*.

Vêm-se arvores frondosas na zona superior, onde se podem cultivar, com proveito, plantas leguminosas e algumas arvores de fructo, da Europa.

A zona do *littoral* ou baixa, chegando até 400 metros de altitude, quente e humida, sendo a temperatura média, á sombra, de 28° a 30° centigrados, é prejudicial aos europeus.

A zona central, de 400 até 800 metros de altitude é, muito menos quente do que a do littoral, sendo a temperatura de 18° a 22° centigrados; alli a tensão do vapor d'agua é menor e o europeu resiste melhor aos rigores do clima. O *paludismo* ataca menos violentamente os colonos europeus que vivem a esta altitude. Para conservar a saude conviria construir *estações sanitarias* n'esta zona, escolhendo-se para isso os logares mais appropriados.

A zona superior, de 800 até 2:000 metros, é excessivamente humida, o que a torna menos salubre que a média, tendo uma temperatura muito agradável. Varia entre 6° e 18° centigrados.

Póde dividir-se a ilha em tres regiões agricolas, sendo a primeira, a do *cacau*; a segunda, a do *café*; e a terceira, a da *quina* ou *chinchona*.

Os progressos culturaes datam de ha 53 annos para cá, porquanto até então a ilha estava abandonada, porque os colonos, nos seculos xvii e xviii, passaram ao Brazil, que offerecia mais vantagens e recebia toda a protecção e auxilio do governo. Tanto esta ilha como a do Principe atravessaram, então, uma gravissima crise, que as reduziu á extrema miseria.

Em 1854 iniciaram-se as culturas modernas devidas aos esforços dos colonos, que alli abriram differentes fazendas agricolas, muitas das quaes se teem tornado verdadeiramente notaveis.

São esses trabalhos agricolas que teem contribuido para que a ilha de S. Thomé tenha melhorado de clima, o que foi previsto ha muito tempo pelo Ex.<sup>mo</sup> Snr. Dr. Lucio Augusto da Silva, o qual, apontando as causas da sua insalubridade, reputava muito importante a que provinha da immensa vegetação que alli havia.

Observava, porém, aquelle illustre clinico, que logo que a agricultura alargasse a sua benefica acção, substituindo-se o espesso arvoredado por culturas uteis e bem cuidadas, o clima da ilha de S. Thomé seria favoravelmente modificado. E' o que de facto se tem observado, e parece que o mesmo succederá em muitas localidades, que actualmente se acham infamadas de insalubridade.

A cidade de S. Thomé, onde se observa a temperatura maxima de 32° centigrados, á sombra, é ainda bastante insalubre, faltando alli as mais rudimentares obras de saneamento.

São repugnantes os logares designados pelos nomes Juco, Agua Fede e Quitibá. Se a parte oriental da cidade carece de melhoramentos, a parte occidental reclama-os com mais urgencia e necessidade. A cidade assenta em um terreno arenoso e baixo, lavado pelas aguas do oceano, em uma praia que corre desde o N. até E. S. E., ficando-lhe n'esta extremidade um terreno pantanoso, por onde entra o mar nas grandes marés, depositando ahi grande quantidade de sal, que os indigenas extrahem e purificam por meio de evaporação ao fogo, para os seus usos culinarios.

Ao S. da cidade jaz outro pantano, em um vasto campo coberto de capim, proximo ao muro do antigo cemiterio, na cêrca do hospicio de Santo Antonio, constituindo uma verdadeira fonte de exhalações nocivas á saude publica.

O maior numero das casas da cidade deixam muito a desejar pela falta de condições hygienicas, que n'ellas se encontra.

As ruas estão, em geral, no estado mais desprezivel que se pôde imaginar e são hygienicamente detestaveis.

A cidade de S. Thomé é, todavia, um enorme interposto commercial, destinado ao embarque dos productos de exportação, tendo uma extraordinaria actividade, quando os vapores fundeiam, trazendo os generos de consumo e recebendo os productos que se exportam.

Os agricultores e empregados agricolas, na sua maior parte, logo que se acaba a faina de embarque e desembarque, regressam ás *fazendas* ou *roças*, onde encontram todas as commodidades e se entregam com verdadeira dedicação aos trabalhos agricolas.

O aspecto das *roças* é encantador, e alli se gosa d'um certo grau de salubridade. Ellas destacam-se no fundo das viridentes plantações, sobresaíndo as casas, altas, muito brancas, contrastando com o tom verde do arvoredado que as rodeia.

Nos trabalhos agricolas empregam-se *serviçaes*, vindos da provincia de Angola. Teem a vantagem de se aclimarem, em geral, com grande facilidade e sujeitarem-se ao trabalho de que são encarregados, havendo entre elles bons carpinteiros, pedreiros, etc.

Começam a trabalhar ás 6 horas da manhã e seguem nos differentes serviços até ao meio dia; teem hora e meia para descançarem e tomarem as suas refeições, voltando ao trabalho até ás 6 horas da tarde.

Pela manhã teem uma ração de café e agua-ardente de canna (*cachaça*).

Bom seria que este "*mata-bicho*," se limitasse ao café ou se substituisse a agua-ardente por outra bebida menos prejudicial, porque uma das causas da degeneração organica da raça preta, e lá como cá, é, sem duvida, o *alcoholismo*.

A' ilha de S. Thomé ajunta-se a pequena ilha do Prin-

cipe, cuja superficie é, apenas, de 119 kilometros quadrados e a fortaleza de S. João Baptista de Ajudá, na Costa de Benim, para formarem a provincia, cuja capital é a cidade de S. Thomé.

A ilha do Principe dista 130 kilometros da de S. Thomé, e, posto que não seja tão fertil como esta, todavia proporciona-se para a cultura do cacau, que ahi se explora hoje em larga escala. E' tambem bastante montanhosa, sendo o Pico do Papagaio o mais elevado.

A bahia de Santo Antonio, onde está situada a cidade do mesmo nome, é o principal dos seus portos.

O seu clima é semelhante ao de S. Thomé, sendo muito quente na beira-mar e insalubre nos logares baixos e pantanosos, e tendo razoaveis condições de salubridade nas regiões elevadas do interior.

A fortaleza de S. João Baptista de Ajudá, unica recordação, que nos resta dos muitos estabelecimentos que tivemos na Costa da Mina, fica a uns cinco kilometros do littoral e está situada a 6°19' de latitude Norte e a 11°8' de longitude Leste do meridiano de Lisboa. E' apenas uma estação militar.

Tanto em S. Thomé como no Principe ha duas estações: a *chuvosa*, que dura de outubro a maio e a *secca* ou *gravana*, nos restantes quatro mezes, sendo esta a mais salubre e portanto a que os europeus devem preferir para dar entrada n'estas ilhas.

\*

\* \*

Segundo o recenseamento feito no anno de 1900, a população d'esta provincia, acha-se assim distribuida:

Ilha de S. Thomé . . . . .	37:776	individuos
Ilha do Principe . . . . .	4:148	»
Fortaleza de Ajudá . . . . .	24	»
Total . . . . .	41:948	»

Se compararmos a população determinada por este recenseamento com a que nos dá a estatistica de 1875, publicada pelo Ex.<sup>mo</sup> Snr. Dr. Manoel Ferreira Ribeiro, vêmos que na ilha de S. Thomé houve um augmento de 8:630 individuos, pois a população era de 29:146.

A população especifica é de 44 por kilometro quadrado, o que é um indice demographico bastante reduzido.

A população branca é realmente muito diminuta, tendo-se apurado apenas, em 1900, a existencia dos seguintes europeus:

Ilha de S. Thomé . . . . .	1:012	individuos
Ilha do Principe . . . . .	173	»
Forte de Ajudá . . . . .	2	»
Total . . . . .	1:187	

A população branca não chega a ter, n'este caso, um europeu por cada kilometro quadrado, reconhecendo-se assim a sua insignificante densidade.

Acham-se n'estas duas ilhas, em presença uma da outra, duas raças: a *preta*, que veio da costa fronteira, por occasião da chegada á ilha de S. Thomé das primeiras colonias de europeus, mandadas da metropole em 1485 e 1493, e a raça *branca* ou europeia, que deu principio á

exploração agricola, levando para alli a canna de assucar e todas as plantas, que, sob qualquer ponto de vista se podiam tornar uteis.

O cruzamento d'estas duas raças não se tem feito com os resultados, que seria para desejar. A população cruzada, em 1900, conforme o documento acima indicado, era a seguinte:

Ilha de S. Thomé . . . . .	273	individuos
Ilha do Principe . . . . .	6	»
Forte de Ajudá . . . . .	2	»
Total . . . . .	281	»

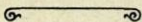
E' tão diminuta esta população cruzada, que é duvidosa a exactidão com que foi calculada, pois não é, por certo, racional que o cruzamento das duas raças, por tantos annos, intimamente reunidas, se ache tão fracamente representado.

O analfabetismo predomina n'estas colonias. Se se attentar na população analfabetica, nota-se que na ilha de S. Thomé ha 34:823 individuos que não sabem lêr, na do Principe 4:049 e no Forte de Ajudá 22, havendo em toda a provincia 38:894 individuos sem instrucção alguma!

Póde dizer-se, todavia, que é na população que está a principal riqueza d'estas ilhas e necessario é que ahi se abra uma valente campanha contra o *paludismo*, que se oppõe á acclimação da raça europeia e contra as *anemias* e o *alcoolismo*, que tanto concorrem para a decadencia da raça preta.

Não pretendo n'este meu trabalho occupar-me dos *indigenas* ou antes dos individuos da raça preta, ainda que

estes, na sua maior parte, na provincia de S. Thomé e Príncipe são *colonos*, por isso que vão da provincia de Angola, porque teem condições de vida muito especiaes, e eu, n'este trabalho, só viso os *colonos* idos da Europa.



## CAPITULO II

---

### **A nosologia de S. Thomé e Príncipe.— O impaludismo, principal endemia d'esta provincia.**

As gravissimas doenças que se manifestam nas ilhas de S. Thomé e Príncipe e em muitas outras das nossas possessões ultramarinas, demandam a maior attenção dos medicos coloniaes e dos governos, não só para lhes combater as causas como para lhes attenuar o effeito.

A maioria das causas são de ha muito conhecidas, e todos os clinicos as indicam nos seus relatorios, baseados no estudo e longa pratica e nos estudos dos mais auctorisados medicos e exploradores; os effeitos são bem patentes, e as estatisticas nosologicas e necrologicas dos hospitaes civis e militares manifestam claramente o quanto urge cuidar das nossas colonias, dotando-as com todos os elementos indispensaveis, não só para o seu desenvolvimento agricola e commercial como para melhorar as suas condições hygienicas.

As doenças que muitas vezes se manifestam benignas complicam-se e agravam-se por phenomenos que seriam talvez evitados a tempo se houvesse os recursos precisos, e se os enfermos se tratassem convenientemente e apenas os symptomas apparecem, evitando que as febres se apossem do organismo sem se lhes oppôr algum obstaculo que a medicina ou a hygiene aconselham, devendo principalmente fugir-se de medicamentos de pouca confiança, porque as molestias definem-se e muitas vezes matam em poucas horas; e é esta uma das razões porque aconselho o tratamento logo que os mais leves symptomas se manifestem.

Para mostrar as doenças que predominam em S. Thomé e Principe, consideradas em abstracto e pela ordem da sua frequencia, apresento um dos agrupamentos feitos pelo Ex.<sup>mo</sup> Snr. Dr. Manoel Ferreira Ribeiro, correspondentes a um periodo de sete annos; reunindo as doenças que se apresentam por *milhares*, por *centenas* e por *semi-centenas*, offerecendo os seguintes resultados:

**Doenças por milhares:**

Febres palustres sob diversas fórmas.

Ulceras, principalmente nos indigenas.

Bronchites.

Rheumatismo.

Embaraço gastrico.

Diarrhea.

*Pulex penetrans*, especialmente nos indigenas.

## Doenças por centenas:

Anemia.  
Pneumonia.  
Hepatite.  
Cachexia sob diferentes formas.  
Estomatite.  
Icterícia.  
Furunculoses.  
Gastralgia.  
Congestões (Baço e fígado).  
Colicas.  
Febre typhoide.  
Hypertrophia do baço e do fígado.  
Epilepsia.  
Dyspepsia.  
Dysenteria.  
Abscessos do fígado.

## Doenças por semi-céntenas:

Escorbuto.  
Gastrite.  
Anasarca.  
Edemas.  
Enteralgia.  
Pleurisia.  
Tuberculose pulmonar.  
Herpes.  
Gastro-enterite.

N'este agrupamento não vem mencionada a *doença do somno*, que tantas victimas tem feito na ilha do Principe, especialmente nos negros.

Desnecessario será inscrever n'este trabalho as doenças que se apresentam por *dezenas* e ainda por *unidades* — de 1 a 10 — para se poder fazer ideia do regimen pathologico d'estas nossas colonias.

O que predomina é o *paludismo*, apresentando-se com frequencia nas suas fórmãs mais graves, mas se as influencias palustres se modificarem sob a acção da hygiene, tanto individual, como de familia e collectiva, ha de succeder n'estas colonias o mesmo que succedeu na Algeria. As febres palustres no tempo do Dr. Maillot eram malignas, continuas, na sua maior parte, e actualmente perderam esse character de malignidade, graças ao uso racional dos saes de quinina. <sup>(1)</sup>

As ulceras, que se manifestam principalmente nos indigenas, teem uma feição particular e são descriptas sob a denominação de *ulceras phagedenicis*. Desenvolvem-se em consequencia da má alimentação, da miseria e da falta completa de hygiene, começando n'uns por qualquer picada de animaes, n'outros por meio de ferimentos ou feridas contusas, e em muitos sem causa bem determinada. Ao individuo portador de ulcera phagedenica as funcções digestivas alteram-se, observa-se anorexia e diarrhea, sobreveem accessos de febre e o doente cáe em profunda anemia.

A verdade é, que de todas as doenças, as que pre-

---

<sup>(1)</sup> *Consultations Médicales*, par le Dr. H. Huchard, 1901, pag. 39.

occupam mais todo o europeu, que deseja ou precisa de ir exercer a sua actividade na provincia de S. Thomé e Principe, destacam-se por um modo verdadeiramente assombroso — as do *paludismo*.

Não se trata, por exemplo, do duplo, triplo ou quadriplo das outras doenças, que alli se observam, mas de alguns milhares mais, examinando-as todas, cada uma na sua classe, por largos periodos de annos. São realmente as doenças reinantes, e d'ellas me occnparei em especial, por constituirem o mais grave perigo para os europeus, não só na provincia de S. Thomé e Principe, como em todas as nossas *colonias palustres* e por ser absolutamente indispensavel lançarem-se em cada uma d'ellas as bases de uma lucta persistente contra esta *endemia*. Indicarei tambem, embora em resumo, quaes as medidas prophylacticas e hygienicas que passam por mais efficazes no momento em que apresento o meu trabalho, as quaes, tendendo a combater o *paludismo*, são mais ou menos applicaveis contra as outras enfermidades que o colono tem a receiar.

\*

\* / \*

Como disse, o *impaludismo*, *paludismo* ou *febre malarica* é o que mais preoccupa os europeus, e de facto, esta é a doença mais importante das regiões tropicaes. Esta doença causa muitas mortes, torna invalidos um grande numero de individuos e enfraquece-lhes o seu poder vital a tal ponto, que os torna predispostos a serem atacados por outras doenças. E' esta uma doença, que se evita mais facilmente do que se cura.

O *paludismo* nas suas variadas fórmãs é devido a um *parasita*, que entra no corpo e vive no sangue do paciente. Este *parasita*, conhecido por *hematozoario* de Laveran, illustre medico e bacteriologista, que o isolou em 1880, ataca os corpusculos vermelhos do sangue e destróe-os, roubando-lhes a hemoglobina, substancia á custa da qual parece apenas viver. Quando o parasita entra no corpusculo vermelho é relativamente pequeno, mas em breve experimenta mudanças á custa do proprio corpusculo; augmenta em tamanho e occupa uma porção consideravel do corpusculo. Torna-se então segmentado ou rosetado, adquirindo cada segmento uma fórma espherica. Finalmente, o corpusculo rompe-se, e os segmentos ou esporos escapam-se para a corrente sanguinea. Cada esporo tornado livre, está agora prompto a atacar outro corpusculo vermelho, a experimentar o mesmo desenvolvimento, a repetir o cyclo e a lançar outra geração na corrente sanguinea. E' quando os esporos novos do parasita se tornam livres no sangue, que elles estão promptos a atacar. Aparecem então repentinamente em scena e n'um estado de grande actividade um certo numero de corpusculos brancos, que se lançam sobre a nova geração de parasitas, atacando-os, absorvendo-os e digerindo-os. Uma destruição semelhante dá-se no figado, baço e medulla.

A entrada do parasita no organismo faz-se, segundo as varias opiniões dos tratadistas da especialidade, pela *alimentação*, quer esta seja *aerea*, *liquida* ou *solida* e pela *inoculação* (mosquito).

A primeira d'estas opiniões está hoje sendo muito contestada, mas ainda é admittida por alguns clinicos coloniaes. Os clinicos ou antes os bacteriologistas que defendem a segunda, attribuem o *paludismo* unica e exclu-

sivamente á inoculação pelo *mosquito anopheles*. Só a fêmea do *anopheles* faz a inoculação do *hematozoario*.

A reproducção do *hematozoario* de Laveran no organismo humano apenas se faz por segmentação, ainda que n'elle existam os dois sexos, mas para que a reproducção séxuada se possa realizar, é necessario que os dois elementos, masculino e feminino, se fecundem, o que não succede dentro do organismo humano.

Os notaveis trabalhos de Sir Patrick Manson, os do naturalista italiano Grassi e os do medico colonial, inglez, major Ross, demonstraram que o intermediario, isto é, o agente onde se dá a fecundação, é o *mosquito*, genero *anopheles*, especie *claviger*.

Este insecto, sugando o sangue a individuos atacados de paludismo, infecta-se com aquelle *parasita*, que, uma vez introduzido no tubo digestivo, realisa a fecundação no estomago.

Seria uma felicidade para a humanidade se não houvesse o *mosquito* intermediario, vista a multiplicação por segmentação ser limitada e menos productiva que a multiplicação por sexualidade e d'aquelle modo o nosso organismo, dentro em pouco, triumpharia de tal flagello, já pela limitação, já pelo poder *anti-parasitario* dos corpusculos brancos.

Quando a *gestação* nas paredes dos estomago do *anopheles* está completa, rompe-se a cavidade *kystica* e os novos *parasitas* que d'ella sahem são lançados na cavidade geral do *mosquito* e d'alli pela circulatoria são levados até ás glandulas salivares. D'alli passam aos canaes excretores, para serem inoculados juntamente com o veneno segregado na glandula, pela mordedura do *mosquito* no organismo humano, onde o *hematozoario* produz os seus efeitos tão

maleficos, devido talvez a encontrar alli uma temperatura favoravel ao seu desenvolvimentô.

Assim se completa o cyclo da vida do *hematozoario*: do homem para o *anopheles* e d'este para aquelle, depois que a evolução do *esporo* se tem completado no estomago. Estas *metamorphoses* e *migrações*, d'um para o outro, pôdem durar indefinidamente, sem que o *hematozoario* passe por uma phase de vida livre, n'um estado qualquer. <sup>(1)</sup>

A entrada do *parasita* no organismo é annunciada pelo *syndroma febre*, que pôde ser *continua*, *remittente*, *intermittente*, *regular* ou *irregular*, *perniciosa* ou *larvada*.

O tempo decorrido entre a *inoculação* pelo *anopheles* e a apparição da febre, constitue o que se chama o periodo de *incubação* e que pôde variar dentro de limites muito extensos.

Clinicamente o impaludismo é uma doença aguda ou chronica.

Nas febres intermittentes temos a considerar os *accessos* e os *intervallos*.

O *accessio* febril passa em cada revolução por tres *estadios*: um de *calafrio*, outro de *calor* e finalmente, um outro de *suor*.

Muitas vezes os *accessos* não apresentam esta *trilogia* e um ou outro dos *estadios* pôde faltar.

A duração total do *accessio* tambem varia. Alguns *accessos* duram quatro horas e outros dois e tres dias.

O *intervallo* entre dois *accessos* caracteriza o *typo febril*. Se o *accessio* se dá todos os dias, com um *intervallo* de *apyrexia* de dez ou doze horas, a febre toma o nome

---

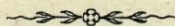
<sup>(1)</sup> *Hematozoaires du Paludisme*, par le Dr, Maurice Neveu-Lemaire, Paris, 1901, pag. 48.

de *quotidiana*; quando se dá entre cada accesso um intervallo de um dia, a febre toma o nome de *terçã*; finalmente, quando entre cada accesso ha quarenta e oito horas, isto é, dois de intervallo, toma o nome de *quartã*.

Ha auctores, principalmente italianos, como Golgi, Grassi e Felletti, que affirmam haver uma especie ou uma variedade especial de *hematozoario* para cada um d'estes typos febris. Outros auctores, porém, como Laveran e Metchnikoff, não são d'essa opinião e attribuem a variedade dos typos febris á maior ou menor reacção organica e ao vigor, tambem maior ou menor, com que o *parasita* ataca.

Acompanhando a febre, em qualquer fórma que ella se apresente, vê-se pouco depois a *hypertrophia* do *figado* e do *baço* e na fórma *chronica* vê-se apparecer a *anemia* e a *cachexia palustre*.

Todos estes symptomas cedem habitualmente á medicação *quininica*, porque está provado que esta substancia medicamentosa é muito toxica para o *hematozoario* de Laveran.



### CAPITULO III

---

#### Meios de combate contra os mosquitos — Prophylaxia individual — O uso dos saes de quina como preventivo do paludismo.

Depois de haver exposto a etiologia do *paludismo* e a *biologia* do seu agente productor, passo a occupar-me da maneira de combater o seu desenvolvimento, quer no organismo humano, dirigindo-me directamente ao meio onde elle pollula, empregando a medicação quinínica, quer indirectamente afastando o invasor.

O *paludismo*, sendo propagado pelos *anopheles* e unicamente por estes *insectos*, todos os meios *prophylacticos*, tanto *geraes* como *individuaes*, devem ser dirigidos no sentido de nos livrar-nos d'estes *animaes*, evitando a sua *picadella*.

Em qualquer região palustre, não deveremos dar caça exclusivamente ao *anopheles claviger*, mas a todos os mosquitos, sem distincção de especie, porque se o *anopheles* nos inocula o *paludismo*, as outras *especies* inoculam-nos outras doenças que não são menos perigosas.

A *prophylaxia* do *paludismo*, antes dos notaveis trabalhos do medico militar, inglez, major Ross, não assentava ainda em bases seguras ou perfeitamente determinadas, pois que não se conhecia com exactidão qual era a vida do *hematozoario* fóra do organismo humano. Só a experiencia clinica tinha fornecido alguns elementos, que serviram para estabelecer algumas bases *prophylacticas*, muitas das quaes ainda hoje se conservam de pé.

No momento actual, em face d'aquellas maravilhosas descobertas, as bases da *prophylaxia* estão nitidamente traçadas pela bacteriologia.

As medidas *prophylacticas*, como já disse, são *geraes* e *individuaes*, e aquellas, as *geraes*, são as mesmas, quer se trate dos paizes temperados, quer dos paizes quentes. O seu actual campo de acção está muito mais delimitado, pois todas as medidas se resumem em fazer guerra ao *mosquito*.

Este póde e deve ser batido antes directa do que indirectamente, porque está hoje provadissimo que, uma vez extinto o *mosquito*, desaparece, por completo, o *paludismo*.

Actualmente já não se saneia um *pantano* com o fim de destruir o *hematozoario*, pois elle não vive no estado livre, mas sim com o fim de destruir o *mosquito* n'alguma das suas phases, *ovos*, *larvas* ou *nymphas* — cuja vida é aquatica.

Na caça ao *mosquito* empregam-se meios differentes, conforme se dirigem ao *mosquito* na vida *aerea* ou na vida *aquatica*.

As medidas *prophylacticas*, dirigidas ao *mosquito* na vida *aerea*, — *fumadas* ou *fumigações* com vapores *anti-septicos* irritantes, empregando o enxofre, flôres de varias

especies de chrysantemos, tabaco, fumo de madeira, etc., — não dão os resultados desejados, isto é, a morte dos *mosquitos*, mas apenas os põem em fuga. Por este motivo as medidas empregadas contra o *mosquito*, durante a vida aquatica, são as unicas efficazes, por isso que o matam n'esta *phase*, impedindo-lhe a respiração, isto é, matando-o por *asphyxia*.

Os meios empregados para produzir esta *asphyxia*, consistem em lançar um oleo na agua, sendo o petroleo uma das substancias mais empregadas. Forma-se então uma delgadissima camada de oleo á tona da agua, constituindo uma superficie isoladora entre o ar atmospherico e a agua, o que impede as *larvas* dos *mosquitos* de virem respirar.

No caso em que se trate da protecção de tanques ou reservatorios contendo agua potavel, a camada isoladora pôde ser formada com o oleo de eucalypto, que se evapora mais rapidamente do que o petroleo.

O permanganato de potassa, o verde de malachite e muitas outras substancias *antisepticas* são tambem empregadas com o fim de destruir o *mosquito* na vida aquatica.

Estes meios de destruição do *mosquito* são applicaveis a pequenas superficies e não pôde pensar-se em applical-os a grandes extensões, como succede com os pantanos que rodeiam a cidade de S. Thomé. N'este caso o que convém fazer é o aterro e drenagem dos terrenos pantanosos, o que, além de hygienico, redundaria em proveito agricola.

As ruas da cidade deveriam ser calçadas ou preparadas de modo que não conservassem a menor porção de agua estagnada.

Ao lado d'estas medidas, todas bastante complexas e na maior parte dispendiosas, ha outras, muito mais sim-

ples e que cada individuo pôde empregar — são as *medidas prophylacticas individuaes*, tendo todas por fim preserval-o contra a *picadella* dos *anopheles*, e por consequencia evitar o *impaludismo*.

A execução d'estas *medidas* obedece a regras, que teem sido profundamente estudadas na pratica pelos distinctos medicos italianos Grassi, Celli e inglezes Low e Sambon, que tanto se occuparam d'estes importantissimos assumptos. <sup>(1)</sup>

Estes illustres medicos executaram as suas experiencias nas regiões palustres da Italia, onde demonstraram, d'uma maneira irrefutavel, <sup>(2)</sup> o papel exclusivo do *anopheles* na propagação do *paludismo*.

Divide-se a prophylaxia individual em *mechanica* e *medicamentosa*.

Como medidas de *prophylaxia mechanica*, todo o colono europeu, encontrando-se em regiões palustres como no littoral das ilhas de S. Thomé e Principe, deve adoptar os *mosquiteiros* e collocar *rêdes metallicas* em todas as entradas da casa em que habita.

Tanto os *mosquiteiros* como as *rêdes metallicas* deverão ter as malhas muito finas, porque os *anopheles* são pequenos e facilmente as atravessariam se ellas assim não fossem. De todas as fórmãs de *mosquiteiros* a melhor é a que os inglezes chamam *mosquito-house*, que consiste n'uma especie de barraca feita de gaze, occupando a maior parte do quarto e dentro da qual se colloca o leito.

---

<sup>(1)</sup> *The Maintenance of Health in the Tropics*, by W. J. Simpson, pag. 60 and 63, 1905.

<sup>(2)</sup> Dr. Maurice, loc. cit., pag. 124.

Não é conveniente viver em casas situadas perto das cabanas ou habitações dos indigenas, porque ahi abundam os *mosquitos infectados*.

A protecção individual em casa não basta, é necessario tel-a quando se está fóra d'ella e principalmente ao amanhecer e á noite. Se ha pessoas que não necessitam sahir n'essas occasiões, outras ha cujas occupações as obrigam a isso e a essas aconselho o uso de veus e luvas.

Não são sómente os individuos sãos que se devem precaver contra as *picadellas* dos *mosquitos*, mas tambem os individuos impaludados, nos quaes esta precaução tem dois fins: o primeiro é evitar que o doente seja reinfectado por outros anopheles infectados e o segundo é impedir que os anopheles sãos sejam infectados por elle.

Quanto á *prophylaxia medicamentosa*, o colono deverá fazer uso dos saes de *quinina*, os quaes criam dentro do organismo humano, no sangue, um meio desfavoravel á pollulação do *hematozoario*.

\*

\* \*

De tudo quanto tenho lido, sobre o palpitante assumpto da *prophylaxia* do *paludismo*, em face da *pathogenia*, sou levado a concluir que—nascendo o *mosquito* sem o *hematozoario*, como dizem estar provado (<sup>1</sup>); infectando-se elle, sómente no organismo humano, ao sugar-lhe o sangue, visto que, o *hematozoario* do *impaludismo*, não se encontra nunca *livre*, em parte alguma, fóra dos *indivi-*

---

(<sup>1</sup>) Dr. Maurice, loc. cit., pag. 48.

*duos impaludados* <sup>(1)</sup>; dando-se n'elle apenas, a *fecundação* e fazendo-se a *gestação*, o que impede não se dê a extinção da *especie hematozoaria*, tão prejudicial, especialmente á raça branca, nas colonias, porquanto, no organismo do homem, só se dá a multiplicação por segmentação e esta ainda é limitada, — é da maior vantagem, uma vez em região, em que grasse o *impaludismo*, fazer sem hesitação a *prophylaxia individual medicamentosa* pelo seu unico especifico — a *quina*.

E assim é que, homens de sciencia, tanto nacionaes como estrangeiros, proclamam o emprego dos saes de *quinina* como *preventivo*. A este respeito escrevem varios medicos, dos quaes passo a citar alguns:

«Destruir pela quinina no sangue dos paludados o hemosporeido que causa a doença é diminuir as probabilidades do *anopheles* se infectar e portanto de a transmitir aos sãos.

«Seria para desejar que o Estado fizesse distribuição gratuita da quinina aos pobres, e que o tratamento fosse obrigatorio e submettido a cuidadosa vigilancia.» <sup>(2)</sup>

«La quinine, employée comme médication préventive, a donné de bons résultats. On peut la prendre sous forme de sulphate de quinine à la dose de 0<sup>gr</sup>.20 à 0<sup>gr</sup>.30 par jour. Elle est surtout utile chez les individus, quiont déjà

---

<sup>(1)</sup> Dr. Maurice, loc. cit., pag. 131.

<sup>(2)</sup> Relatorio sobre o *paludismo*, apresentado á Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa, pelo relator Carlos França, em sessão de 28 de junho de 1902, pag. 6.

présenté des atteintes de paludisme; elle leur évite les rechutes et empêche l'infection de nouveaux *anopheles*.» (1)

« Per fortuna è noto che, dando ai malarici il chinino in principio delle febbri, pu lo più, si può o impedire che si formino, o ridurre notevolmente i gameti.

« Quindi con la cura specifica precoce e ben continuata si può e si deve impedire per quanto è possibile lo sviluppo delle forme destinate a trasmettere l'infezione da uomo a uomo, attraverso le zanzare. » (2)

« It is often advisable at the commencement of the rainy season and again at its termination, when everything is drying up, to take five grains of quinine daily as a prophylactic. » (3)

Todos estes excerptos mostram a verdadeira utilidade da *prophylaxia individual medicamentosa* pelos saes de *quinina*.

Tem-se publicado a este respeito muitos estudos e observações, sendo alguns dignos da maior atenção. Entre nós o que temos mais completo, acha-se compendiado nos estudos feitos pelo Ex.<sup>mo</sup> Snr. Dr. Manoel Ferreira Ribeiro sobre a provincia de Angola e as ilhas de S. Thomé e Principe.

Quando n'um accesso febril se applica um sal de quinina, não é com o fim de o debellar, mas sim para

(1) Dr. Maurice, loc. cit., pag. 128.

(2) Angelo Celli, *La Malaria*, secondo le nuove ricerche, Roma, 15 luglio 1899, pag. 150.

(3) W. J. Simpson, loc. cit., pag. 74.

evitar que novo accesso appareça ou não seja tão intenso como o primeiro, o que a prolongada experiencia alli feita tem demonstrado, d'uma maneira evidente, empregando-se diariamente um sal de quinina.

Notava-se, porém, muitas vezes que, debaixo da acção dos saes de quinina os accessos não cediam á medicação e procurando-se a razão de ser d'esta não obediencia á regra, encontrava-se: umas vezes, que o sal não era absorvido, porque, com o accesso, coexistia um embaraço gastrico ou um elemento morbido qualquer, que não permitia a absorpção do sal; outras, era devido ao modo de preparação dos saes de quinina; ainda outras vezes, era consequencia da idiosyncrasia especial de cada individuo, o que é preciso bem conhecer para o emprego da dóse, e finalmente, ainda outras, em face d'um accesso febril n'uma região palustre—estando-se obcecado, por esta ideia do *impaludismo*—se não attendia devidamente á verdadeira causa do accesso febril e se queria combater este como tal.

Trata-se d'uma questão pratica e só os medicos colonias, depois de larga experiencia, chegaram á conclusão hoje confirmada pelos trabalhos bacteriologicos, de que os saes de quinina tomados diariamente na dóse de 0<sup>gr</sup>.30, não só tinham acção sobre os *impaludados*, mas gosavam da faculdade *preventiva* contra o *impaludismo*.

Deve-se ainda *distinguir* bem quaes são, nos saes de quinina, as doses *prophylacticas* e as doses *therapeuticas*.

Este estudo acha-se hoje muito completo, (1) por-

---

(1) *Os saes de quinina no paludismo*, 1898. Dr. Ferreira Ribeiro.

quanto com aquellas doses se preserva o individuo da *endemia* pelo *hematozoario*, inoculado pelo *anopheles*, dando ao organismo resistencia para a lucta contra a *infecção*, abortando esta no periodo de *incubação*; com estas (as doses therapeuticas) consegue-se debellar todo e qualquer accesso, ainda que *pernicioso*, comtanto que a therapeutica seja efficazmente auxiliada pela *dietetica*.

Tem-se discutido muito quaes as doses em que devem ser dados os saes de quinina como prophylacticos e quaes os intervallos, que mais convém dar no seu emprego. Uns são de opinião que se deve tomar todos os dias, outros intercaladamente, dia sim dia não, outros querem que se tome duas vezes por semana e finalmente ha outros que aconselham o uso dos saes de quinina em dois dias successivos de dez em dez dias, tomando-se uma dose um pouco maior.

Ha ainda outros clinicos coloniaes que a este respeito dizem: «Estando-se n'uma região em que ha paludismo, mas em que os que nos cercam não apresentam symptomas de *infecção palustre*, suspenda-se o uso dos saes de quinina como preventivo. O *impaludismo* começa a manifestar-se, façamos immediatamente *prophylaxia* aos não atacados e *therapeutica* aos infectados.»

A meu vêr acho racional esta opinião, porque muitas vezes o uso da medicação quinínica tem uma acção que se não exerce d'uma maneira isenta de inconvenientes para o nosso organismo, mas provado como está hoje que os saes de quinina, tomados em doses moderadas, convenientes e ás refeições, pouco ou nada prejudicam, opino por que antes se faça *prophylaxia* do que *therapeutica*.

Em vez dos saes de quinina poder-se-ha usar da

*Euquinina*, actualmente muito recommendada por ser de  
egual efficacia, mais inoffensiva e de grande utilidade na  
therapeutica infantil.

## CAPITULO IV

---

### A hygiene publica em S. Thomé e Principe — Algumas prescripções hygienicas

Em vista das confirmações feitas pelos *bacteriologistas* sobre a acção *preventiva* dos saes de quinina contra o *impaludismo*, seria da maior vantagem que os Poderes Publicos organisassem nas nossas colonias em que ha *paludismo*, a lucta contra este por todos os meios que a *prophylaxia* e *hygiene* modernamente aconselham, podendo assim tirar-se maior proveito d'ellas, facilitar a acclimação e augmentar-se, por este modo, a nossa expansão colonial.

Para isto deve ter-se em vista a acção do novo meio colonial em que se entra e instituir desde logo a *hygiene individual* com todo o rigor, principalmente porque alli a *hygiene publica* deixa muito a desejar, como veremos pelas linhas que se seguem.

Começando pela situação da cidade de S. Thomé direi que, sendo esta construida dentro d'um amphitheatro de montanhas cobertas da mais luxuriante vegetação, em ter-

reno baixo, com muito pouca inclinação para o mar, rodeada por quasi todos os lados de rios e regatos que trazem a sua origem dos altos picos, é esta existencia muito favoravel á accumulacão ou deposito das aguas das chuvas, produzindo charcos e pantanos, que influem poderosamente no desenvolvimento das febres e de outras enfermidades com character mais ou menos grave.

A falta de limpeza nas margens dos rios da cidade e nas praias é uma outra causa de insalubridade: a herva alli encontra-se crescida a ponto de obstruir os caminhos, e alli se acham grandes depositos de entulho e immundices, exhalando um cheiro fétido, proveniente tambem muitas vezes da putrefacção de animaes que para alli são arrojados depois de mortos.

As obras de drenagem e aterramento dos pantanos não teem sido completas, principalmente dos dois mais notaveis que ha perto da cidade e que seguramente não podem deixar de ser olhados como tendo uma grande influencia no desenvolvimento das molestias graves que teem apparecido.

Não posso deixar de notar o pessimo systema das construcções das casas, pela maior parte feitas de tábuas até ao chão, sem terem a ventilação necessaria, e recebendo muito pouca luz solar, com quintaes cobertos de plantas diversas sem conveniencia alguma aos usos domesticos, e que por suas exhalacões só servem para viciar o ar atmospherico e para occultar a immundice que effectivamente existe na maior parte dos quintaes ou cercados. Accresce a esta circumstancia a pouca limpeza que se encontra no interior de quasi todas essas casas, assim como nas ruas, que são, em geral, votadas ao mais completo abandono.

Devo tambem fallar do cemiterio velho, que pela sua influencia na saude publica já por vezes tem occupado a attenção da auctõridade governativa d'esta provincia. A collocação d'esse cemiterio ao sul da cidade, d'onde sopram os ventos mais frequentes sobre a povoação; a má qualidade do seu terreno, que difficulta a consumpção completa dos cadaveres; o vicioso systema dos enterramentos encarregados a pretos boças, que nenhuma importancia ligam aos inconvenientes que nascem da falta de execução dos preceitos dos respectivos regulamentos que devem presidir a taes actos, são outros tantos factores que concorrem para augmentar a insalubridade local.

Só depois de uma lucta de seis annos viram as auctõridades medicas satisfeitos os seus desejos, realisando-se a construcção do novo cemiterio, que se acha em logar alto, ao noroeste da cidade, a 300 metros de distancia das ultimas casas.

Além das desfavoraveis condições hygienicas que acabo de apontar, não deixarei passar em silencio uma outra condição pessima que acompanha este povo em geral. Quero fallar do modo por que se tratam nas suas enfermidades. E' por todos sabido que os indigenas raras vezes consultam os medicos nas suas molestias, e quando chegam a fazel-o é sempre em estado tal de adiantamento de doença e quasi sem esperanças algumas de melhorarem que pouco ou nada lhes aproveitam as indicações medicas, porque muitas vezes, até depois de consultarem o medico, ainda assim não executam o que elle prescreve, pela repugnancia que a maior parte tem de tomar remedios da pharmacia.

Muito mais haveria que dizer, mas os factos que deixo expostos, parecem-me sufficientes para justificar a incre-

minação que se faz á ilha de S. Thomé da sua falta de hygiene publica. A mesma incriminação que se faz a S. Thomé póde estender-se á ilha do Principe.

O interior da ilha de S. Thomé, quer nas villas, quer nas roças situadas na zona média, é mais salubre do que na capital, sendo a causa d'isso a sua boa posição e não porque alli a hygiene publica tenha merecido especiaes attentões.

E' innegavel que alguns melhoramentos se teem feito em S. Thomé, mas com uma extrema morosidade. Um dos mais importantes é, sem duvida, o que se refere ao abastecimento d'aguas da cidade. Antigamente a agua de que em geral se fazia uso era tirada dos rios e a tão pequena distancia da cidade que não era possivel obtel-a pura e livre de immundices, não só pela circumstancia de estarem as margens dos rios cobertas de lodo e hervas, onde a fermentação putrida se opera com muita promptidão, mas tambem porque os habitantes, não só da cidade como das roças, alli faziam os seus despejos. Actualmente a agua para uso da cidade é colhida do Rio Agua Grande, na Trindade, villa edificada na zona média da ilha e d'alli é conduzida para a cidade n'uma canalisação feita com tubos de ferro.

Em 1861 era tão reconhecida a insalubridade da cidade de S. Thomé, que se publicou um codigo de posturas, em que se determinaram diversas disposições tendentes, não só ao aceio e policia da capital, como ao seu embellezamento. Estas posturas não chegaram a ter execução, não obstante a approvação do conselho de districto e as instantes recommendações dos governadores da provincia.

Um tão manifesto abandono nas coisas tão reconheci-

damente uteis é mais que reprehensível, está abaixo de toda a classificação. Custa a crêr que, sendo o queixume quasi geral nos habitantes, estes se esquivassem tambem a auxiliar as auctoridades no empenho dos melhoramentos que, uma vez iniciados, seriam um principio de progresso e a guarda avançada de todos os melhoramentos de que a cidade, em especial, tanto carece e tão recommendados teem sido, não pelo governo da metropole, como por muitas das auctoridades administrativas.

O codigo de posturas a que me refiro foi a primeira base para se cuidar da limpeza e policia da cidade de S. Thomé, tão afamada pela sua insalubridade; e comtudo, a despeito da portaria de 20 de novembro de 1861, referendada pelo governador José Pedro de Mello, ficou ella sendo lettra morta, não obstante este funcionario chamar a attenção e responsabilidade do administrador do concelho para que fizesse executar as prescripções das referidas posturas, visto que o policiamento da cidade apresentava os maiores inconvenientes pelos abusos que appareciam contra os preceitos determinados, e que dependiam da irregularidade de serviço, do pouco zelo e da falta de actividade da administração do concelho.

\*

\*

\*

Como acabamos de vêr, a hygiene publica n'estas ilhas é muitissimo deficiente e o colono, na sua defeza contra as enfermidades que o ameaçam, apenas tem a contar com a hygiene individual. Passo, portanto, a indicar algumas das principaes prescripções hygienicas, que devem ser observadas por todo o colono europeu.

A melhor epocha para entrar n'estas colonias é durante os mezes de junho e julho, isto é, nos primeiros mezes da estação *secca* ou *gravana*, que é a mais salubre.

O colono, uma vez chegado a estes novos logares, onde vae residir, deve evitar as vigílias prolongadas, os trabalhos demasiado arduos, o abuso de bebidas alcoolicas, os exercicios violentos, todos os excessos, emfim, que trazem como consequencia o abatimento das forças.

Os *arrefecimentos* devem evitar-se com todo o cuidado, o que não é difficil, usando d'um vestuario conveniente. A roupa deve ser leve e de tecidos maus conductores do calorico, sendo muito uteis as flanelas. Usar-se-ha junto á pelle as camisolas finas de lã, que absorvem o suor e favorecem a sua evaporação.

A *insolação* deve evitar-se tambem e para isso recorre-se ás coberturas da cabeça e aos respectivos resguardos apropriados.

A *alimentação* precisa de ser boa e bem regulada, não se devendo usar d'um regimen excessivo em carnes vermelhas. A sobriedade no colono deve sempre, mas sobretudo nos primeiros tempos, ser sua norma invariavel; a tendencia funesta, que em geral se tem, para provar, como curiosidade, todas as fructas da nova região, deve ser combatida; se ha algumas, como a *manga*, por exemplo, que não prejudica, outras ha que provocam logo indigestões e diarrheas, augmentando assim a predisposição para as doenças do figado e intestinos, que tão frequentes são nos climas tropicaes. A agua, para maior segurança, deverá ser ferverida ou filtrada.

Os cuidados de limpeza corporal devem ser tidos com o maximo rigor, fazendo-se uso diario de banhos tépidos,

para que a pelle esteja sempre em boas condições de transpiração.

Não se tem tratado por emquanto nas nossas colonias de organizar a lucta contra o *paludismo*. Não ha, que eu saiba, *casas de saude*, nem *campos de acclimação*, como teem os francezes n'algumas colonias, nem se procede como os inglezes, construindo *sanatorios* ou *villas altitudinaes* para alli recolherem os individuos e as familias que adoecem nas terras baixas doentias ou para ahi passarem algum tempo e recuperarem as forças perdidas.

E', por certo, esta uma falta grave, que se observa nas nossas colonias e das que especialmente me occupo, as ilhas de S. Thomé e Príncipe, bastante insalubres no littoral, mas que possuindo, como atraz disse, altitudes relativamente salubres, d'ellas se não tira proveito nenhum para auxiliar a acclimação dos colonos europeus que vivem n'estas ilhas.

N'estas circumstancias, a *hygiene* e a *prophylaxia*, não só contra o *paludismo*, mas tambem contra as outras *doenças*, são absolutamente indispensaveis e muito convém que todos os europeus, que se dirigem para as nossas colonias, se instruem sobre todos os *preceitos hygienicos*, que principalmente n'ellas devem ser rigorosamente observados, afim de poderem resistir ás *endemias* que ahi grassam.

N'esta these apenas tenho por fim mostrar a importancia da *Hygiene Colonial* e não fazer um trabalho completo, como era meu desejo, pois seria uma utopia tentá-lo, sem conhecer bem de perto as ilhas de que me occupo.

## PROPOSIÇÕES

---

### **Anatomia descriptiva:**

A arcada crural não é formada de fibras proprias.

### **Histologia:**

As questões histologicas cifram-se quasi sempre em questões de technica.

### **Anatomia topographica:**

Os limites mais precisos das regiões são os marcados pela pathologia.

### **Physiologia:**

A acção da saliva sobre os alimentos é mais mechanica do que chimica.

### **Pathologia geral:**

Todos os prognosticos devem ser reservados.

### **Pathologia externa:**

Na appendicite aguda deve-se operar logo que se faça o diagnostico.

### **Anatomia pathologica:**

Não ha nephrites epitheliaes, nem intersticiaes, mas mixtas.

**Therapeutica:**

Sempre que fôr possível, prefiro incondicionalmente a via hypodermica, como meio de administração dos medicamentos.

**Operações:**

Na tracheotomia o melhor meio de hemostase é a abertura rapida.

**Hygiene:**

Considero o banho tépido como o mais hygienico.

**Pathologia interna:**

Não ha febres perniciosas, ha febres complicadas d'accidentes perniciosos.

**Partos:**

Só a apresentação cephalica é physiologica.

**Medicina legal:**

O reconhecimento da virgindade é uma utopia.

---

Visto.  
O Presidente,  
*Pinho.*

*Póde imprimir-se.*  
O Director,  
*Moraes Caldas.*